

## LITERATURA: ESPAÇO DE LUTAS ANTAGÔNICAS?

Anny Karine Matias Novaes Machado  
UEPB  
Luciano Barbosa Justino (Orientador)  
MLI/ DLA/ UEPB

*Transgressão. Talvez um dia ela pareça tão decisiva para nossa cultura, tão parte de seu solo quanto a experiência da contradição foi no passado para o pensamento dialético. A transgressão não busca opor uma coisa a outra... não transforma o outro lado do espelho... em uma extensão rutilante... sua função é medir a excessiva distância que ela inaugura no âmago do limite e traçar a linha lampejante que faz com que o limite se erga.*

Michel Foucault

A Instituição Literária pode ser entendida como o capital cultural de maior tradição institucional de uma nação. A formação do espaço literário internacional, que Pascale Casanova (2002) chama de “República mundial das letras, teve sua gênese e formação em três etapas: 1) a revolução vernácula com a passagem do latim às línguas vulgares; 2) a revolução filológica-lexicográfica, caracterizada pela invenção e reinvenção da literatura e de seus critérios reguladores, neste período as literaturas serviram de fundamento para a formação de uma identidade nacional; e por fim, 3) a descolonização, período pós segunda- guerra que marca uma certa abertura desse estrito universo literário. Nesse sentido, o Cânone Ocidental foi constituído historicamente a partir de critérios em que vogam a autoridade e a universalidade da literatura, além de ser quase que exclusivamente composto de homens brancos mortos. É, nesse sentido, que Casanova defende a idéia de que a Instituição Literária é um espaço centralizado de intercâmbios desiguais. Ao se fazer o percurso histórico da Literatura é importante atentar para a necessidade, como afirmou Foucault (2001), de abandonar “a idéia preconcebida - idéia que a literatura se fez por si própria” , isto é, a crença da literatura como pura, destituída de historia e de contexto sócio- cultural e/ou econômico.

Como criação social, a literatura tornou-se um dos principais veículos de afirmação identitária nacional, tendo nos clássicos, textos nacionais que as nações

literárias de maior capital cultural e, não raro, econômico, instituíram como textos intemporais e a-históricos, seu grande vetor de institucionalização. Neste sentido, o valor da obra, sua apreciação e sua posterior entrada para os cânones é condicionada por critérios que envolvem precisamente relações de poder e valores subjetivos de crença. Os clássicos são textos nacionais fundadores, estendidos ao universo literário como não-nacionais. Em países de colonização mais recentes, como o Brasil, o cânone é formado também por escritores engajados na busca de nacionalidade e de uma identidade cultural, permanecendo o critério elitista das escolhas devido a alta taxa de analfabetismo e a dificuldade da população ao acesso dos bens culturais.

É nesse sentido, que “a literatura é uma espécie de criação, ao mesmo tempo irreduzivelmente singular e no entanto inelutavelmente coletiva” (CASANOVA, 2002, p. 218). O espaço literário organiza-se entre dois pólos: os com recurso e os desprovidos, constituindo-se necessariamente como um espaço de forças antagônicas, no qual

Nem todos fazem a mesma coisa, mas todos lutam para entrar no mesmo curso (*concursum*) e, com armas desiguais, tentar atingir o mesmo objetivo: a legitimidade literária (Op. Cit., p.60)

Neste espaço de lutas antagônicas, há duas estratégias na construção das lutas: a assimilação, ou seja, a integração a um espaço dominante e a diferenciação que se constitui a afirmação da diferença a partir de uma reivindicação nacional. A legitimação da Instituição literária pode ser entendida na esteira do que Maingueneau (2006) define como “Discurso constituinte”, discursos de fundação da literatura que determinam um lugar através de um corpo de escritores consagrados que elaboram uma memória coletiva literária. A memória discursiva dos discursos constituintes pressupõe sua legitimação a partir de si mesmos: “não há acima deles nenhum outro discurso, e eles se autorizam apenas a partir de si mesmos” (MAINGUENEAU, 2006, p.62).

a obra literária constrói as condições de sua própria legitimidade ao propor um universo de sentido e, de modo mais geral, ao oferecer categorias sensíveis para um mundo possível (MAINGUENEAU, 2006, p.65)

Os discursos de alcance global são elaborados localmente, no seio de grupos restritos que o moldam constantemente, e tentam autorizar a si mesmos a partir

de um patrimônio restrito de “obras-primas”, “clássicas”, inserindo-se no âmbito da legitimação do poder capazes de suscitar adesão. Para Foucault (2008)

O discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mais o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz a luta e os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta (p. 7-10)

Assim, os discursos constituintes são a todo tempo permeados pelos não constituintes e estão em tenso e constante diálogo, de contenção e resistência. É nesse sentido que a revisão/contestação do cânone propõe um descentramento da literatura, expondo o caráter ideológico de toda escolha, que envolve relações de alteridade e diferença, inclusão e exclusão, perspectivas imaginárias e valores sócio-culturais, ou seja, são feitas por e para determinados fins que trabalham culturalmente pela adaptação, adesão e assimilação das escritas a um modelo dominante.

A literatura latino-americana tem uma história curta, o Brasil ao separar-se da metrópole deixou a impressão de separação amigável, e após sair do jugo político ibérico, caiu no econômico dos EUA e do Banco Mundial, obviamente tudo isso teve conseqüências culturais e literárias no Brasil, nesse sentido,

A literatura teve um papel efetivo na constituição de uma consciência nacional e, assim, na construção das próprias nações latino-americanas [...] eram os mesmos homens que tomavam as armas e a pena, estando esta forçadamente engajada nas questões sociais e políticas (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 32)

No Brasil, devido a alta taxa de analfabetismo, os bens culturais são ainda mais inacessíveis, os movimentos de contestação do cânone e de inserção sócio-cultural pela literatura têm suscitado diversas discussões. Antonio Candido (2006) constatou no Brasil, e nos países da América latina em geral, as dificuldades de acesso à literatura erudita:

Na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio da rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa [...] daí a alfabetização não aumentar

proporcionalmente o numero de leitores da literatura, como a concebemos aqui, mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da base folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada” (p. 174)

Candido segue propondo uma vigilância extrema para que a literatura latino-americana não seja arrastada pelos instrumentos e valores da cultura de massa. Salvo a pertinência de suas observações, a cultura popular hoje não pode ser mais entendida pelo folclore e pela escola de Frankfurt, visto o popular estar nas ruas das grandes cidades. A cultura popular não pode ser vista como uma forma íntegra, destituída das relações de poder que impulsionam as forças culturais, esse constante diálogo insinua-se como um campo de batalha, onde

A escola e o sistema educacional são exemplos de instituições que distinguem a parte valorizada da cultura, a herança cultural, a história a ser transmitida, da parte “sem valor” [...] “o povo” é freqüentemente o objeto da “reforma”: geralmente para o seu próprio bem, é lógico – “e na melhor das intenções” (HALL, 2003, p. 248 – 257).

Harold Bloom (1998), como defensor do Cânone Ocidental, prediz de forma apocalíptica “a destruição de todos os padrões intelectuais e estéticos nas humanidades em nome da justiça social”, propõe o retorno à antiga pergunta tripla: mais que, menos que, igual a que? Para Bloom o valor estético surge da memória e da dor de abrir mão de prazeres mais fáceis em favor de outros mais difíceis, “os trabalhadores já têm ansiedades suficientes”. Contudo, os autores que se autodenominam “marginais” reivindicam, justamente, o direito e a liberdade de pensar, de escrever, de sentir, de agir, para além do imposto pela sociedade de classes, antes querendo a literatura como espaço de disputa para quebrar todas as imposições elitistas e estetizantes. Ferréz, compilador e prefaciador do projeto literatura Marginal- Caros amigos, propõe:

Literatura de rua com sentido, com um princípio, para o povo que constrói esse país, mas não recebe a sua parte.

O jogo é objetivo, compre, ostente, e tenha minutos de felicidade, seja igual ao melhor, use o que ele usa.

Mas nós não precisamos disso, isso traz morte, dor, cadeia, mães sem filhos, lágrimas demais no rio de sangue da periferia.

Somos mais, somos aquele que faz cultura, falem que não somos marginais, nos tirem o pouco que sobrou, até o nome, já não escolhemos o sobrenome, deixamos para os donos da

casa-grande escolher por nos, deixamos eles marcarem nossas peles, por que teríamos espaço para um movimento literário? Sabe duma coisa, o mais louco é que não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nos arrombamos a porta e entramos.[...] O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados desse país. Ao contrario do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, e ao contrario dos senhores das casas-grandes que escravizavam nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nosso documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na historia, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERREZ, agir, 2005, p. 10).

Para Perrone-Moisés (1998), “Atualmente, a literatura parece contentar-se com espelhar uma realidade fragmentada, desprovida de valores e, portanto, de utopia” (p. 206). Entretanto, não é assim, que o movimento da literatura marginal pensa, ao insinuar uma guerra cultural, uma produção consciente, contra a cultura dominante, Ferréz e os escritores marginais, ao denunciarem a dominação e a alienação proposta histórica e socialmente pelos meios de comunicação e pelas instituições fundantes do pensamento ocidental e por isso burguês, pressupõem um retorno às utopias, às lutas de classe, a uma guerra cujo campo de batalha é a literatura.

### Epidemia (Parte III)

“Jornal Nacional”, a chamada anuncia a noticia:  
Manifestantes entram em confronto com a policia.  
Eles tinham faixas e palavras de ordem.  
Contra gás lacrimogêneo, cacetetes, tropas de choque.

Só que a câmera filmou só a revolta e a reação.  
De quem no desespero atira pedra em vão.  
E no bloco seguinte o que se viu, ouviu:

“Pesquisa prova: desemprego diminuiu no Brasil.”

Guetofobia: o poder intimida.  
Chacinas na periferia cometidas pela policia.  
Manifestações pacificas reprimidas na Paulista.  
Difamações, mentiras pela tevê transmitidas.

Terrorismo: crime considerado hediondo.  
Ato valido somente quando atinge o povo.  
Promotor burguês censura a verdade.  
Porque a função da televisão é a produção de fugas da realidade.

É do meu olhar que você tem medo.  
Bonito terno, onde vive se escondendo.  
Eu vi você erguer o vidro, acelerando.  
Quase atropela o moleque trabalhando.

A pressão sobe, o coração acelera.  
Alergia a pobre, pavor de favela.  
Pesadelos, pânico, inquietação, insônia.  
Guetofobia: estes são teus sintomas.

Ignoram as crianças viciadas e marginais.  
Depois vão pras ruas em passeatas. “BASTA, EU QUERO PAZ”.  
Paz morar longe de sem-teto.  
Proteger o domínio do condomínio sem favela perto.

Sua idéia de paz é diferente da minha.  
Sua paz inclui a escravidão da minha família.  
Com o meu silencio, meu consentimento.  
Meu confinamento dentro de um gueto.

Mansões, reuniões, festas, drinks, caviar.  
E na favela, nos barracos, algo começa a mudar.  
O filho mostra a mãe o que ela nunca percebeu.  
Porque nunca teve a oportunidade, não leu, não aprendeu.

A guerra prolifera, o levante da favela.  
Não é uma ameaça, é uma promessa.  
Promessa de terror, horror, incêndio.  
Por isso, playboy, tenha medo.

É a saga do povo que agora se repete.  
Onde houver injustiça sempre haverá um rebelde.  
Eles tem medo de nos porque somos a maioria.  
A burguesia sofre de guetofobia

Extremamente, centro de terapia intensiva.  
Tratamento de choque contra guetofobia.  
Bisturi da cirurgia sem anestesia.

Extirpa o câncer da sua covardia, burguesia.  
*Ridson Mariano da Paixão*

É nesse sentido que a história da literatura deve ser a história de suas lutas específicas e, na contemporaneidade, “a história não pode ser discurso de construção, mas de desconstrução, voltado para compreender o fragmentário que somos” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 87). É assim que o movimento da literatura marginal, ao desconstruir a memória oficial da nação brasileira e os heróis tradicionais propõem uma inserção sócio-cultural pela literatura, usam de sua exclusão social para incluir-se na escrita literária como suporte de representação, fazendo-nos refletir acerca não apenas da escrita literária, mas de todas as relações humanas na sociedade contemporânea. Portanto, pensar a Instituição Literária hoje, com seu aparato crítico, é refletir sobre as relações de poder (históricas, discursivas, sociais, econômicas, culturais) que envolvem os critérios de escolha dos clássicos. O cânone ocidental, constituído de homens mortos brancos e tendo como pressupostos a universalidade, a hierarquia e a durabilidades, precisa ser revisto, contestado, transformado:

O cânone, como um dos quadros de valores de uma cultura determinada, é relativo a essa cultura, está fadado a transformação e sujeito ao desaparecimento, como todas as manifestações humanas. Ou o cânone resiste por ser reconhecido como ativo pela cultura viva, ou ele se torna letra morta, cuja defesa só pode ser feita por uma imposição autoritária. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 201)

### **Referências Bibliográficas:**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 2007.

BLOOM, Harold. Uma Elegia para o Cânone. In: *O Cânone Ocidental*. Trad. Marcos Santarrita São Paulo: Objetiva, 1995.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

Caros Amigos. *Literatura Marginal: a cultura da periferia*. São Paulo: Editora Casa Amarela/ Editora da Literatura Marginal. Ato I, 1998; ATO II, 2001; ATO III, 2004.

FERRÉZ. Terrorismo Literário. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

\_\_\_\_\_. Capão pecado. São Paulo:

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, pp. 137-174.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do discurso*. 16 ed. São Paulo: edições Loyola, 2008.

HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Cortez, 2006.

PERRONE, Moises Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.174-213.

\_\_\_\_\_. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.28-49.